



## FORMAÇÃO DO LEITOR

**Os verdadeiros analfabetos são os que aprenderam a ler e não lêem.**  
Mário Quintana.

### A alfabetização como elemento da inclusão

**Por Sueli Rocha**

Em busca da linha, à procura da palavra...

Na procura de um fio para conduzir minhas reflexões a respeito do tema, lembrei-me de um poema intitulado "Poesia", que diz:

Gastei uma hora pensando um verso  
que a pena não quer escrever.  
No entanto, ele está cá dentro inquieto, vivo.  
Ele está cá dentro e não quer sair.  
Mas a poesia deste momento inunda a minha vida inteira.

Essa lembrança levou o fio do meu pensamento para duas reflexões: primeiro, pensei naqueles que, sem chegar ao refinamento da procura da palavra perfeita, têm dificuldade em expressar suas idéias por mais simples que sejam, em especial, se for por escrito. Depois, pensei na maneira magistral como o poeta sintetizou a angústia da busca da melhor palavra, daquela que convém, daquela que é a exata, a que está na ponta da língua, envolta em magia e arte, e que não sai de jeito nenhum.. E o poeta que escreveu sobre isso é ninguém menos que Carlos Drummond de Andrade! Difícil para ele, como não será para os outros a busca da palavra? O pensamento que não quer sair é como uma linha muito comprida, que vai, volta, se enleia, se enrosca e às vezes dá nós. E, a minha linha deu nó em três pontos: no do emissor, no do destinatário e no da mensagem. Foi assim: eu puxava o fio de uma história, a minha, buscando nela os elementos para organizar esta fala. Comecei:

Era uma vez uma professora formada em Letras, que gostava muito de ler. Vivia rodeada de livros e atuava na área da promoção da leitura. Procurava, por meio da literatura, formar alunos e professores leitores. Não tinha formação específica em educação especial.

Foi aí que o primeiro nó apareceu, o do emissor. Como, então - e já não era a primeira vez - tomava parte de um ciclo de debates sobre esse tema? Apesar do nó, a linha foi em frente. Ousada, lançou-se mais longe. Em sua trajetória, alcançou os destinatários desta fala e ouviu muitas vozes: tranqüilas, algumas contavam o que haviam aprendido nos caminhos percorridos, falavam de descobertas, de mistérios e segredos desvendados; outras, desanimadas e inseguras, questionavam: eu também não tenho formação específica em educação especial, como vou lidar com a inclusão? Surgiu aí o segundo nó.

E assim, emissor e destinatários presos na mesma trama, o fio continuou mais e mais e alcançou a mensagem - A alfabetização como elemento da inclusão. O pensamento então vagou por caminhos vários,

encontrou outras linhas e enleou-se nelas, formando um emaranhado de fios que se entrelaçavam, teciam e se perguntavam: como lidar com a inclusão? o que é alfabetizar? como fazer para que a alfabetização seja elemento de inclusão social? Surgiu nesse momento o terceiro nó, o mais apertado. Não dava para prosseguir. Para continuar a urdidura da trama, era preciso antes desamarrar os nós. Desatando nós...

Em toda boa história, diante de um conflito, o protagonista busca ajuda: às vezes ela vem de um elemento mágico, às vezes de um amigo, às vezes de alguém mais experiente e mais especializado. Eu, protagonista desta história, para desatar os meus nós, fui buscar ajuda com os especialistas no assunto. Aprendi, então, que embora tenha como prioridade a inclusão no contexto social de pessoas com algum tipo de deficiência, a educação inclusiva diz respeito à aceitação e à participação de todos. Com a professora Maria Teresa Mantoan, coordenadora do LEPED (Laboratório de Estudos e Pesquisas em Ensino e Reabilitação de Pessoas com Deficiência), da Unicamp, aprendi que "(...) Todos nós somos deficientes . Estamos sempre nos aperfeiçoando, nos aprimorando, ultrapassando nossos déficits". A educadora, em entrevista à revista Educação, de dezembro de 1999, apontou o déficit afetivo como um dos problemas da atualidade, decorrente das condições sócio - econômicas desfavoráveis, que dificultam o compartilhamento de ações, idéias e sentimentos. Por isso, as pessoas voltam-se para si mesmas, por isso tornam-se individualistas e não solidárias. Quando desembarçamos esses fios, deixamos evidente que estamos lidando com a deficiência há muito tempo. Uma educação que pretenda dar conta desses déficits deve começar buscando os meios para superar o déficit cultural - o mais grave de todos, porque dele decorrem a injustiça social, a marginalização , os preconceitos e outras formas de exclusão. É preciso, pois, combatê-lo, o que implica combater suas causas, entre elas, o analfabetismo.

Enveredando por esse caminho, peguei as linhas que, num jogo de claro-escuro, teceram a história da Educação em nosso país: nos censos realizados até a década de 40, bastava ao indivíduo saber ler e escrever o próprio nome para ser estatisticamente considerado alfabetizado. A partir de 40, pelo censo, era considerado alfabetizado o indivíduo que respondesse afirmativamente à pergunta: sabe ler e escrever um bilhete simples? Por trás dessa questão existem implicações que mereceriam uma análise mais demorada, mas ficando apenas no limite de sua formulação, é possível perceber que ela já manifestava um avanço em direção às preocupações com o uso da linguagem nas relações sociais. O entrelaçar de fios trouxe novos matizes à palavra alfabetização, que aparece agora, na tessitura do meu texto, como o terceiro nó, o da mensagem. Para soltá-lo, defino alfabetização como um processo de apropriação dos mecanismos de leitura e escrita. Mas entendo que, além de alfabetizar, a escola deve dar ao indivíduo as condições necessárias para que saiba usar sua competência de leitor e produtor de textos em todas as situações que a vida em sociedade lhe proporciona.

### **Fiando e confiando...**

Fio solto, vou além: para atender às exigências do mundo moderno, mais que alfabetizar, é preciso que a escola que se pretenda inclusiva preocupe-se com a formação de leitores. Acredito ser este o desafio maior de uma sociedade que, se por um lado afirma que para o exercício pleno da cidadania o indivíduo deve ser leitor, por outro aceita que, no Brasil, 75% das escolas de Ensino Fundamental não tenham bibliotecas. Ninguém se torna leitor de um momento para o outro. O caminho a ser percorrido é longo e exige, por parte dos mediadores do processo, conhecimento, sensibilidade e percepção de mundo.

Especialistas afirmam que o leitor se forma até os catorze anos, mas que esse processo começa na vida intra-uterina. Por isso a importância da mãe que conta histórias para o bebê em gestação; por isso a

importância dos pais, tios e avós que lêem e contam histórias para os pequenos. Quando chega à escola, quem passou por esse processo afetivo já percorreu um longo caminho em relação à sua formação de leitor. Há crianças, no entanto, que não tiveram a felicidade desse ambiente alfabetizador proporcionado pelo contato afetivo com livros e histórias, intermediado pelo carinho da família. E, num processo de alfabetização com vistas à inclusão de todos, caberá à escola sanar essa lacuna, objetivando para todos os alunos a constituição de um bom acervo de leituras e proporcionando a todos o acesso aos diferentes portadores de texto que circulam na vida social, sejam eles rótulos, embalagens, jornais, revistas, livros e tantos outros. Nesse caminho, no entanto, é preciso cuidado, pois a aridez das tarefas escolares também é responsável pela rejeição à leitura. O alfabetizador, agente primeiro do processo escolar de formação de leitores, deverá não só proporcionar aos alunos o contato freqüente e prazeroso com textos interessantes, ricos em significação, mas também selecionar atividades lúdicas e que possibilitem o trabalho com diferentes materiais e linguagens: recorte, colagem, desenho, pintura, canto, mímica de personagens e objetos, dramatização de cenas e situações etc. Além de agradar aos alunos, as atividades que se utilizam de material concreto facilitam ao portador de algum tipo de deficiência a aproximação com o texto. Para suprir as carências na formação de leitores, será necessário que muitas vezes o professor deixe de lado a preocupação com o ensinar a ler para dar lugar ao estímulo à vontade de ler. Considerada a diversidade de textos à disposição do professor para a formação de leitores, priorizo, entre eles, o texto de literatura, cuja linguagem favorece, de modo mais abrangente que a de outros textos, a descoberta de sentidos num plano mais amplo. Jogando com o real e o ficcional, com o poético e o estranhamento do óbvio, a literatura dá as chaves para que o leitor compreenda o contexto histórico, político e social do qual sua matéria-prima foi tirada. Ao afastar-se do real, a literatura instaura uma outra ordem, a da ficção, que estimula a fantasia, a curiosidade e o prazer da descoberta, elementos fundamentais para levar o leitor a enxergar o mundo com um olhar renovado, mais amplo e profundo. E para que a escola busque despertar nos são fundamentais: a existência de professores que sejam leitores e percebam a importância da promoção da leitura; nos planos de ensino e na prática pedagógica, a valorização da leitura pelo simples prazer de ler, sem cobranças; um bom acervo de literatura nas bibliotecas.

Tecidas essas considerações, no pano de fundo de nossa tela aparecem as inúmeras estratégias para a formação de leitores. Destaco duas, como exemplo: a primeira, é o professor levar a classe à biblioteca - onde elas existem - e não só fazer com os alunos atividades para a dinamização do acervo, mas também deixá-los livres para escolher o que desejam ler; a segunda, é o professor ler e contar histórias, sempre, seja na sala de aula, na biblioteca, num pátio... Como seria bom, se na escola houvesse um lugar agradável, onde os alunos se sentassem confortavelmente e pudessem ouvir muitas, muitas histórias, presos ao gesto, à voz e ao olhar do professor contador. E essa é a linha eu gostaria de partilhar com todos que desejem bordar a alfabetização na tela da inclusão social. Quando contamos, abrimos espaço para o pensamento mágico, para a emoção, para a vivência de outras eras, outros lugares, outras experiências. A história permite o auto - conhecimento, o conhecimento do outro e o conhecimento do mundo. Marina Colasanti escreveu um conto belíssimo, chamado "Com sua voz de mulher", onde fica claro o poder das histórias de aproximar as pessoas, de humanizá-las. Vale a pena ler para conferir. Desde as épocas mais remotas, o homem conta histórias. Nas sociedades primitivas, antes da invenção da escrita, em volta do fogo, os mais velhos contavam histórias para passar aos mais jovens todo o conhecimento que seu povo acumulou por gerações, em relação às crenças, aos costumes, aos valores. Cristo, nas pregações, usava a parábola, uma forma narrativa alegórica, uma história, para passar sua mensagem aos homens. Suas palavras iam do concreto ao

simbólico e todos as entendiam.

A voz do contador, que sussurra, cala-se, eleva-se ao sabor da história, seduz o ouvinte que, na imaginação, escreve a sua história. Por exemplo, no conto de fadas, na atemporalidade do Era uma vez ..., o tempo cronológico do antes e do depois dá lugar ao tempo afetivo no qual os ouvintes acompanham o herói em buscas dolorosas e aventuras perigosas - identificando-se e confundindo-se com ele -, realizando provas difíceis e vencendo medos, até que no final todos vivam felizes para sempre. Atento às reações de seu público enquanto conta e nas conversas posteriores à história contada, o professor pode descobrir as carências, os medos, os abusos e as injustiças, ficando em condições privilegiadas para ajudar os alunos. Além disso, a estrutura do conto de fadas é muito simples, sendo facilmente absorvida pelos ouvintes na formação de suas competências narrativas: muitas produções orais e escritas dos alunos iniciam com Era uma vez ... e terminam com ...e foram felizes para sempre . A frequência do ato de contar permite que os ouvintes interiorizem certas normas de organização do texto narrativo e as empreguem posteriormente. Nesse sentido, contar histórias é também um excelente recurso didático. E como seria bom, se depois de ouvida e fruída a história, todos os alunos pudessem pegar o livro onde ela está, folhear, ler, falar de suas impressões e, a partir daí, interessar-se em buscar outras histórias em outro livro, e mais outro, e mais outro, mais outro...

### **Arrematando...**

Seria bom, se à imitação dos contos de fadas, como uma varinha mágica, o termo inclusão e toda a sua família etimológica, em se tratando de Educação e Sociedade, deixassem de existir. Falar em educação inclusiva, alfabetização inclusiva, sociedade inclusiva soaria tão mal quanto falar um pleonasmo como subir para cima. Se subir só pode ser para cima, sem necessidade de adendos explicativos, haverá um tempo em que ao falarmos em Educação, Alfabetização e Sociedade, o adjetivo inclusiva sobrarão, porque em nosso imaginário, na lei e na prática já estará claro que nesses substantivos está implícita a expressão de / para todos. Dessa forma, também a palavra será de todos, tanto daquele que precisa escrever um bilhete simples quanto daquele que deseja produzir arte. A palavra, assim partilhada - palavra-diálogo, palavra-ação e construção - tornará o mundo mais justo e solidário. Enquanto esse tempo não chega, procuremos, com Carlos Drummond de Andrade,

### **A palavra mágica**

Certa palavra dorme na sombra  
de um livro raro.

Como desencantá-la?

É a senha do mundo.

Vou procurá-la.

Vou procurá-la a vida inteira no mundo todo. Se tarda o encontro,  
se não a encontro,  
não desanimo, procuro sempre.

Procuro sempre, e a minha procura  
ficará sendo a minha palavra.

**BIBLIOGRAFIA** - Sugestão de livros para o trabalho com a exclusão e a diferença.